

O dildo nosso de cada dia e outros deslocamentos

Our daily dildo and other displacements

Poliana Paiva de Araujo¹

1

Mestre em Artes da Cena pela UFRJ, atriz e roteirista focada em comicidade.



Resumo: Parte-se, no presente ensaio, do desejo de, literalmente, “tirar do armário” o dildo, brinquedo destinado basicamente à penetração sexual. Para tanto, é promovido tanto um deslocamento da função para a qual este objeto foi fabricado, quanto, também, a retirada do mesmo dos cantos obscuros de nossa intimidade. Para tanto, são elencadas as obras de três artistas contemporâneas que fizeram tais manobras com maestria: a artista visual e performer brasileira Márcia X., a performer, ativista e ex-atriz pornô estadunidense Annie Sprinkle e a artista visual mexicana Maris Bustamante.

Palavras-chave: Dildo; feminismo; deslocamento; objeto

Abstract: The aim of this essay is to take the dildo, basically known as a sex toy, out of the closet. To achieve this goal, a displacement in the function of this object is made, pulling it out of the drawers and the dark places of our intimacy. Therefore, three contemporary female artists, which made this displacement shrewdly, are analyzed: the brazilian visual artist and performer Márcia X., the North American performer, feminist activist and former porn actress, Annie Sprinkle, and the Mexican visual artist Maris Bustamante.

Key words: Dildo; feminism; displacement; object

. O INBOX

Chamar a um homem de animal é lisonjeá-lo; ele é uma máquina, um vibrador com pernas.

Valerie Solana²

- Oi, Poliana, tudo bem? Vi seu Instagram outro dia e fiquei assustado com aquelas fotos.
- Que fotos?
- Aquelas (...) com um pau.
- Ah, o dildo!
- O nome daquilo é dildo?
- Sim. É o dildo que te assusta?
- Claro, né?
- Claro por quê?
- Porque aquilo passa uma imagem de mulher desesperada.
- Então não é o dildo que te assusta e sim a possibilidade de eu estar desesperada?
- Não é bem isso, na verdade o que eu acho feio é uma mulher postar esse tipo de coisa.
- Se fosse um homem, você acharia aceitável?
- Sim, homem tem pau, né? Ainda assim, acho que ninguém postaria algo daquele tamanho.
- Então o problema é o tamanho?
- Você não percebe isso?
- Não, ora bolas, quem está apontando o problema é você.
- Veja bem, eu te seguia porque achava que você era uma artista, mas isso não é arte, é pornografia!
- Na verdade, a ideia é justamente brincar com essa fronteira...
- Olha, vou te falar uma coisa: mulher assim morre sozinha, homem nenhum aguenta!
- Poxa, obrigada pelo toque!
- De nada! Aproveito para avisar que você perdeu um seguidor, ok?
- Ok!

O diálogo acima é resultado de uma compilação de várias abordagens recebidas de homens heterossexuais cisgênero no chat de minha conta do *Instagram*, @romanticuzinhos, desde que comecei, em junho de 2018, a postar fotos com dildos em situações cotidianas. Alguns exemplos dessas fotos são: o dildo dentro de um *scanner*, acompanhado da legenda “passando uma imagem do caralho”; o dildo preso entre meus cotovelos, acompanhado da legenda “falo pelos cotovelos”, ou, ainda, o dildo portando um nariz de palhaço, acompanhado da legenda “palhaço pra cacete³”.

2 Escritora, feminista radical e lésbica, Valerie é autora do manifesto SCUM, que propunha acabar com a existência dos homens. Ficou também conhecida por tentar matar Andy Warhol.

3 Disponível em <https://www.instagram.com/romanticuzinhos/>. Acesso em 04 de novembro de 2019.



Figura 1. Foto “Palhaço pra cacete”, integrante do Instagram @Romanticuzinhos.

. TRÊS ARTISTAS OUT OF THE BOX

O incômodo que esse tipo de imagem gera não é algo inédito. A artista visual e performer brasileira Marcia X., em 2006, teve sua obra *Desenhando com terços*⁴, parte integrante da exposição *Erótica, os sentidos da arte*, sediada no CCBB/RJ, censurada e alvo de investigação criminal, pois, na mesma, desenhava vários pênis, utilizando-se, para tal, de terços como matéria prima. Na época, a obra foi ainda denunciada por representar uma afronta à religião. À religião católica, naturalmente. Afinal, conforme coloca o poeta e crítico espanhol Adolfo Navas (2005), um objeto simbólico, o terço, executou um salto a partir de um deslocamento estético, perdendo sua função original (a de acompanhar momentos de oração) e passando a servir ao visionamento de outro local semântico. Para o autor, essa obra promove uma varredura dos códigos e estereótipos vigentes. Afrontas e varreduras à parte, o fato é que *Desenhando com terços* não foi a primeira nem a última vez em que Marcia X. esfumou as fronteiras entre arte e pornografia.

4 Disponível em <http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=1&sObra=26> Acesso em 04 de novembro de 2019

Em sua instalação, os *Kaminhas Sutrinhas*⁵, de 1995, 28 caminhas de boneca decoradas com motivos infantis são postas em uma sala. Dessas bonecas, três estão sem cabeça, articuladas com um cabo de aço. Desta forma, por meio de um pedal, o espectador podia ativar a movimentação dos bonecos, que se encontravam em diversas posições sexuais, bem como a música *It's a small world*, tema da Disneylândia.

Já em sua série *Fábrica Falus*⁶ (1992-2004), a artista ornou dildos das mais diversas e inventivas formas, associando-os, com muita ironia, a símbolos religiosos e a ícones femininos, como a “coelhinha da playboy”. Tudo isso intensificava o deslocamento desse objeto da função para a qual a priori ele foi fabricado: a do prazer sexual, fazendo, com isso, que irrompessem parques semânticos inusitados e, por vezes, perturbadores. Importante lembrar, ainda, que tal deslocamento se refere também aos espaços sociais e psíquicos a ele reservados – afinal, o dildo, supostamente, fica na caixa, no armário, na gaveta, na cama, no quarto, configurando-se como um segredo, uma intimidade.

Sobre isso, Tales Frey (2006), artista transdisciplinar e ensaísta brasileiro, lembra que Marcia X. tinha um desprezo por essa sociedade robotizada, mergulhada em uma “fé cega”, que não questionava o próprio entorno. Por isso, a artista incitava, sem economizar na acidez, uma espécie de intranquilidade generalizada, pois era necessário, a seu ver, “puxar tapetes”, desestabilizar verdades absolutas, quebrar padrões estabelecidos.

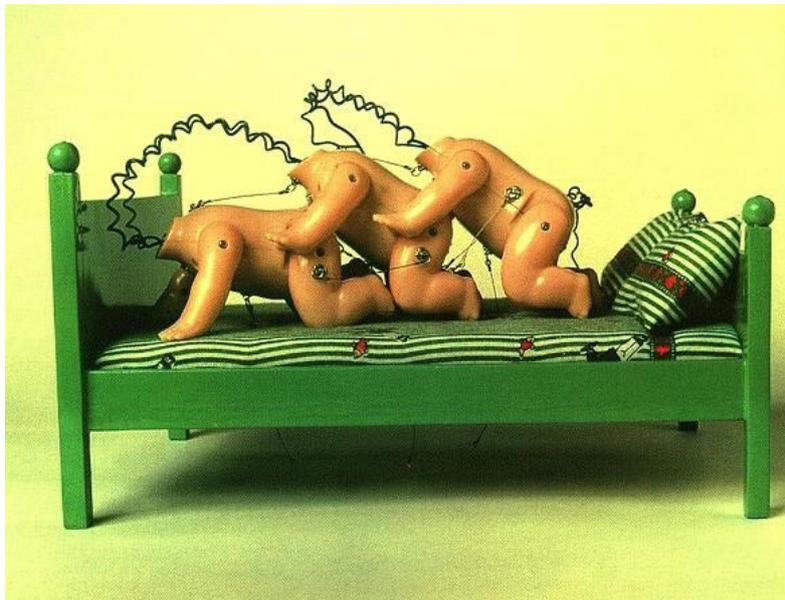


Figura 2. Instalação “Os Kamasutrinhas”, de Márcia X. 1995. Coleção Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro.

5 Disponível em <http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=1&sObra=18> Acesso em 04 de novembro de 2019

6 Disponível em <http://marciax.art.br/mxObras.asp?sMenu=1&sTipo=1> Acesso em 04 de novembro de 2019

Outra artista hábil no deslocamento de códigos e sentidos sexopornoeróticoestético-políticos é a estadunidense Annie Sprinkle, performer, ativista feminista, ex-prostituta, ex-atriz pornô, diretora e autora de revistas e livros⁷. Sprinkle é uma das protagonistas do movimento feminista pró-sexo dos anos 80, uma das vertentes do feminismo que acredita que a liberdade sexual é essencial para as mulheres.

Como dínamo que sempre foi, Sprinkle não parou por aí e persistiu na expansão de seus limites, tanto que, desde 2007, incorporou, juntamente com sua parceira, Beth Stephens, a *Sexecology/Ecologia Sexual*⁸ ao seu ativismo. Na ecologia sexual, a natureza é vista como amante e não como uma mãe, que tudo aguenta. Como prova desse amor, as duas iniciaram um projeto de sete anos de rituais públicos de casamento e, desde então, casaram-se com a Terra, com as montanhas Apalaches, com o mar em Veneza, com o carvão na Espanha etc. Através desses casamentos elas se afirmam como amantes literais da terra, reerotizando o planeta, questionando a hierarquia das espécies, as definições de sexualidade e as estratificações do corpo.



Figura 3. Annie Sprinkle e Beth Stevens na performance “Dirty Sexecology”. 2007. Boston.

7 Destaque para o best seller Planet Orgasm, um guia para o orgasmo feminino.

8 Disponível em <http://sexecology.org/> Acesso em 04 de novembro de 2019

Além de tudo isso, Sprinkle é, segundo a artista e escritora espanhola Diana Torres (2011), uma pornoterrorista, que, segundo a autora, não se trata de um conceito nem de uma tendência, mas, sim, de uma menção a todos aqueles que trabalham com a sexualidade de forma subversiva e guerrilheira. Bem que sua performance, *30 anos de uma puta multimídia*, resultante de suas múltiplas experiências, tem um quê de guerrilha epistemológica aplicada à fronteira entre arte e pornografia. Nela, Sprinkle (2004), usando como aparato tecnológico somente um simples projetor de slides, discorre sobre diversos assuntos concernentes à sexualidade humana, sempre com um tom didático e divertido.

Numa passagem para lá de emblemática, ao referir-se à quantidade de parceiros sexuais que teve em suas mais de duas décadas como prostituta, ela atribui um tamanho médio aos pênis de seus clientes, bem como arbitra uma quantidade de atendimentos semanais⁹. Com uma fala suave, ela conclui, após uma sequência de cálculos muito simples (acompanhados dos respectivos slides) que, caso tivesse a oportunidade de empilhar todos os pênis com os quais teve contato via sexo oral, ela teria, ao longo da vida, chupado uma altura equivalente à do *Empire State Building*. Nessa manobra, Sprinkle parece nos sugerir que os falos em si importam mais do que seus donos, aproveitando, com isso, para problematizar de forma sutil a máxima de que “tamanho não é documento”, o que, de quebra, inverte, nem que por um instante, a perversa lógica da objetificação que massacra os corpos femininos.

Ao fim da performance, Sprinkle pergunta para a plateia quem ali gostaria de ganhar um diploma de suas mãos. Imediatamente todos levantam os braços. Porém, quando ela informa que o diploma é referente à prestação de serviços sexuais para a comunidade, um silêncio retumbante toma o recinto. Para quebrar o gelo, Sprinkle lembra que um serviço sexual para a comunidade pode ser simplesmente a distribuição de preservativos entre amigos em uma festa. Em segundos, várias pessoas levantam os braços, colocando-se em fila para levar para casa seus diplomas. Assim, de forma lúdica e aparentemente despreziosa, a performer levanta uma fagulha de questionamento sobre nossos preconceitos e, quiçá, sobre a forma com a qual acessamos, observamos e entendemos nossa própria sexualidade.

Completando a tríade das artistas *out of the box*, a mexicana Maris Bustamante é outra que aproxima o sexo das situações cotidianas para escancarar o machismo. Com a obra *Patente del Taco*¹⁰, de 1984, a artista patenteou o taco, símbolo culinário de sua terra natal, o México, com o fim de usá-lo como “arma cultural”. Na obra, imagens de tacos em ângulos e posições eróticas acompanham slogans como “cometa um ato erótico, coma um taco”.

9 Durante a performance, Annie Sprinkle arbitra que cada pênis tem em média 15 cm e que o Empire State Building tem 380 metros de altura.

10 Disponível em <http://www.reactfeminism.org/entry.php?l=lb&id=23&e=t> Acesso em 04 de novembro de 2019

Fora o trabalho solo, Bustamante desenvolveu uma importante parceria com a artista Mónica Mayer, com quem criou o primeiro coletivo feminista do México, o *Polvo de Gallina Negra/ Pó de Galinha Preta*¹¹. O nome do coletivo, na verdade, é o de um remédio contra mau olhado, pois, para elas, naquele momento, em 1983, isso era essencial para a sobrevivência das mulheres, em especial das artistas feministas.



Figura 4. Auto retrato de Maris Bustamante. 1984. México.

Juntas, Bustamante e Mayer performaram várias ações, entre elas a emblemática *¡MADRES!*, uma intervenção social de longa duração onde elas combinaram (e conseguiram!) engravidar na mesma época. Ainda dentro de *¡MADRES!*, havia outras performances, que aconteciam em programas de TV local. Uma das mais interessantes é a *Mother of the day/ Mãe por um Dia*, uma performance que convidava dez homens importantes do México para uma competição onde, entre outras coisas, eles escreviam cartas para as suas mães. Certa vez, no mesmo programa, a dupla convidou um popular âncora do noticiário televisivo, que topou vestir-se como uma mulher grávida e, desta forma, discutir assuntos relativos à maternidade e aos arquétipos atribuídos às mulheres.

11 Disponível em <http://www.reactfeminism.org/entry.php?l=lb&id=132&e=> Acesso em 04 de novembro de 2019

Afinal, conforme lembra Preciado (2011), filósofo e curador espanhol, no capitalismo, o sexo do ser vivo é objeto de política e de governabilidade. Assim, sob o domínio de um pensamento heterocentrado, os órgãos sexuais ficam vinculados à produção de identidade de gênero e à reprodução, num sistema proposto pelo autor como de “divisão de trabalho da carne”.

. O MANIFESTO

Uma outra sugestão de Preciado (2014) a respeito do pensamento heterocentrado e suas variantes é que, em lugar de observarmos a sexualidade pelo viés da natureza, passemos a observá-la sob a perspectiva de um pensamento baseado num contrato “contrassexual”. Nele, os corpos não mais obedeceriam à lógica de uma identidade sexual predeterminada identificada como “natural”, pois a contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ele define a sexualidade como tecnologia e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios. A contrassexualidade afirma que no princípio era o dildo. O dildo antecede ao pênis. É a origem do pênis. (PRECIADO, 2014, p.22-23)

Com essa afirmação, o autor imputa a um objeto um status acima do pressuposto biológico, afinal, um dildo pode ser comprado por qualquer pessoa, independente da mesma ser possuidora de um pênis ou de uma vagina. De fato, dildos estão à venda. Um dildo pode ser comprado inclusive por um hermafrodita ou por uma pessoa de genitália indefinida. Fora isso, ter posse de um dildo também não está associado à orientação sexual de seu dono (ou dona). Se o dildo antecede ao pênis, sexo é tecnologia.

A esse respeito, a bióloga, filósofa e escritora estadunidense, Donna Haraway (1995), sugere que o que chamamos de “história da humanidade” passasse a ser chamado de “história das tecnologias”. Segundo essa atribuição, “a “natureza humana” não é senão um efeito de negociação permanente das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina, mas também entre órgão e plástico” (HARAWAY apud PRECIADO, 2014, p. 23).

. NO FINAL SERÁ O DILDO?

Sem querer fazer uma grande digressão, é notório que uma das consequências da “história das tecnologias” é o mau direcionamento dos detritos, em especial do plástico, que leva muito tempo para se decompor e, por conta disso, vem causando danos ao ecossistema planetário, em especial ao marinho. Esse fato torna mais que premente o surgimento de soluções. Pois bem, em minha busca preliminar sobre dildos, para fins desta pesquisa, me deparei com a notícia de que, em 2017, a MTV produziu uma série limitada de dildos feitos com plástico retirado dos oceanos, numa campanha chamada *Don't Fuck the Ocean. Do it with Yourself / Não foda o oceano. Faça isso consigo mesmo*¹². Uma curiosidade é que cada exemplar tem padrões únicos, formados pelo movimento do próprio plástico quando derretido.

Lembrei-me logo da proposição do escritor e curador brasileiro, André Lepecki (2012), a respeito da contra-força dos objetos, que reside exatamente no fato deles serem (e quererem ser) mera coisa. Podemos pensar, a partir daí, que essa seria uma mensagem subliminar da campanha? A de mostrar que se continuarmos não cuidando dos objetos que descartamos, continuaremos, como propõe a música *Exu nas escolas*¹³, da cantora brasileira Elza Soares, “a não ouvir os recados que as baleias têm para dar a nós, seres humanos, antes que o mar vire uma gosma?” (SOARES, 2018, In: Deus é mulher, Deck).



Figura 5. Campanha Don't fuck the ocean do it with yourself, 2017, promovida pela MTV.

12 Disponível em <https://exame.abril.com.br/marketing/mtv-lanca-vibradores-feitos-com-lixo-do-oceano/> Acesso em 04 de novembro de 2019

13 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NmDsmHtOgyw> Acesso em 04 de novembro de 2019

. CONCLUSÃO?

- Oi, Poliana, tudo bem?
- Sim, e você?
- Tranquilo. Passando só pra te falar que adorei aquela foto com o pau dentro de uma tapioca, com a legenda “glúten free pra caralho”. Ri muito, gata, esse dildo deve se divertir contigo, é tanta situação inusitada...
- Ele é tipo um companheiro de trabalho, levo na bolsa sempre que acho que pode pintar uma situação bacana, que gere uma boa foto.
- Pra tirar uma foto boa pra caralho, né?
- Tipo isso.
- Mas me fala, você usa ele pra outros fins?
- Ele é meu companheiro de trabalho, não meu escravo.
- Mas ele não é só um objeto que você comprou? Ou ganhou, sei lá.
- Sabia que cabe um monte de observações em cima disso que você disse?
- Ah, cabe, é? Tipo o quê?
- Por exemplo, quando libertos de utilidade, valor de uso, de troca, de significado, os objetos revelam a sua capacidade liberadora, a sua capacidade de escapar totalmente de quaisquer dispositivos de captura.
- Tipo uma resistência do objeto, algo assim?
- Exatamente!
- Bacana...De onde você tirou isso?
- De um texto que li pro mestrado. Se quiser te passo o pdf.
- Quero, sim. Depois a gente toma uma pra debater essa parada aí.
- Massa. Valeu, um beijo.
- Pera aí.
- Diga.
- Depois que o objeto resiste ele vira o quê?
- Provavelmente uma coisa. Tem todo um papo de devir coisa também, enfim, te passo o texto, é pequeno, dá pra ler no BRT.
- Show. Beijão.
- Beijão.

O diálogo acima é uma compilação de fatos e fantasias ocorridos (ou não) ao mesmo tempo em que gotas de suor (provocadas por objetos por mim utilizados - e que de mim fizeram uso) pingavam no meu teclado, em meio a abordagens inteligentes de homens heterossexuais cisgênero via inbox. As gotas de suor quase me fizeram perder a letra “C”. “C” de caralho, de cacete, mas também de coisa. Coisa mesmo. Não objeto.

Objeto, não. Nem mercadoria. Mercadoria, não, porque:

Mesmo sendo a mercadoria um objeto material, seu poder se constitui por impedir que *as coisas sejam deixadas em paz*. Ou seja, que coisas possam existir fora de regimes de instrumentalidade, de uso, e de mercantilização total do mundo (incluindo afetos). (LEPECKI, 2002, P.95)

A explicação do diálogo que acabo de fazer acima é só mesmo para afirmar que, mesmo com o risco de parecer “Poliana demais”, considere interessante alinhar essa conclusão com uma mensagem positiva, onde aproximei a ideia de caralho e de dildo à ideia de coisa. E onde citei André Lepecki numa fala de um diálogo agradável com um homem hetero cisgênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREY, Tales. Diretrizes Profanas nos Trajes e Acessórios de Flávio de Carvalho e de Márcia X. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 1 , n. 4 , mai. 2013. ISSN: 2316-8102.

HARAWAY, Donna. In: PRECIADO, Beatriz, Paul. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1, 2014.

LEPECKI, André. 9 variações em coisas e Performance. In: **Revista Urdimento** n.19. Florianópolis: UDESC, 2012, P.93-99.

NAVAS, Adolfo Montejo In: FUNARTE. **Marcia X**. Compilação das obras da artista, 2005. Disponível em <<http://marciax.art.br>> Acesso em 14/12/2018

OS Kaminhas Sutrinhas. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra32689/os-kaminhas-sutrinhas>>. Acesso em: 14 de Dez. 2018.

PRECIADO, Beatriz, Paul. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1, 2014.

PRECIADO, Paul B. Multidões Queer: Notas para uma política dos ‘anormais’. In: **Revista Estudos Feministas**, vol.19, n.1, Florianópolis: UFSC, 2011.

SOARES, Elza. Exu nas escolas. In: **Deus é Mulher**. Rio de Janeiro: Deck, 2018.

TORRES, Diana J. **Pornoterrorismo**. Tafalla: TXALAPARTA, 2011.